

Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna

Silas Guerriero
PUC-SP

Resumo

A contracultura teve poucas repercussões no Brasil, uma delas foi o orientalismo religioso. O Movimento Hare Krishna nasceu na contracultura, mas depois acabou se afastando dela. O texto procura entender a contracultura como parte de uma transformação mais ampla, ainda em curso. O Movimento Hare Krishna se transformou e passou a conviver e disputar espaço com outras denominações religiosas. Não podemos dizer que existam muitos movimentos contra a cultura predominante nos dias atuais, mas sim afirmar que essa mesma cultura incorpora elementos que foram catalisados durante os anos 1960.

Palavras-chave: Contracultura; Movimento Hare Krishna.

Abstract

The counterculture had few impacts in Brazil, one of which was the orientalism religious. The Hare Krishna movement was born in counterculture, but then moved away. The text seeks to understand the counterculture as part of a broader transformation, still in progress. The Hare Krishna Movement changed and started to compete with other religious denominations. We can not say that there are many movements against the dominant culture in our days, but assert that this same culture incorporates elements catalyzed during the 1960s.

Key-words: Counterculture; Hare Krishna Movement.

*When the Moon is in the seventh house
And Jupiter aligns with Mars
Then peace will guide the planets
And love will steer the stars¹*

No dia 14 de fevereiro último² um e-mail chamava a atenção para o alinhamento planetário que então se configurava nos céus no alvorecer daquele que é o dia dedicado a São Valentim em vários países europeus e nos Estados Unidos (Valentine's Day, o patrono e santo do amor). Como na música de quarenta anos atrás³, o texto alertava que neste dia a Lua estaria em Libra e na sétima casa astrológica, a dos relacionamentos. Além disso, Júpiter e Marte estariam alinhados sob o signo de Aquário na décima segunda casa, a das

¹ “Quando a Lua estiver na sétima casa. E Júpiter alinhado com Marte. Então a paz guiará os planetas. E o amor orientará as estrelas” (tradução minha).

² 14 de fevereiro de 2009.

³ Composição que ficou famosa através do musical *Hair*, escrito por James Rado e Gerome Ragni (texto e letras das músicas) e Galt MacDermot (música). Estreou na Broadway em abril de 1968, onde foi encenado por mais de 1.800 vezes.

transformações espirituais. Informava, ainda, que o Cosmos personificaria esse alinhamento e apoiaria a manifestação coletiva no alvorecer da Era de Aquarius. Conclamava a todos que, durante os dezoito minutos que duraria o alinhamento, colocassem “sua intenção de amor e paz e juntos co-criassem o alvorecer da Era de Aquarius no Cosmos”.

Não temos dados suficientes para afirmar que esses ecos da contracultura sejam numericamente expressivos. Provavelmente não. O importante é perceber que há, ainda, algumas poucas pessoas sintonizadas nos caminhos da nova era aquariana. No entanto, de maneira geral, o que restou da contracultura? Muito da grande contestação daquela época se diluiu na cultura de nosso tempo. Aparece nas vivências hedonistas privadas, nas recusas de poder de autoridades institucionais ou nos inúmeros movimentos de afirmação identitária das mais diversas minorias. Mas longe de serem contrárias à cultura mais ampla, foram absorvidas pelo consumismo da sociedade abrangente.

O movimento de contracultura, que teve seu epicentro nos anos 1960 no estado norteamericano da Califórnia, passou de raspão pelo Brasil. Porém, como não poderia deixar de ser, deixou algumas marcas em nossa sociedade. Muito mais como um espírito de uma época, podemos perceber que as transformações tiveram início em décadas muito anteriores e permanecem ainda em curso, tomando muitas vezes rumos contrários às direções que os clamores contestatórios dos hippies apontavam. Uma das vertentes mais visíveis da contracultura foi o orientalismo, a busca de uma espiritualidade exótica, originária de um mítico Oriente primordial. Nele estava presente uma maneira diferente de encarar a espiritualidade. Contrária à visão até então dominante de uma religiosidade institucional, buscou-se a vivência de uma espiritualidade interior, experimentada como algo profundo. Na quebra da hegemonia das instituições de poder, entre elas as igrejas, a religião poderia ser vivenciada de maneira autônoma e subjetiva.

A proposta deste artigo é colocar um olhar sobre a inclinação orientalista da contracultura, especificamente através do Movimento Hare Krishna, e procurar perceber os ecos ainda audíveis, mesmo que modificados, dessas experiências então tão transformadoras e alternativas.

Nos anos 1960, vários foram os líderes espirituais que vieram da Índia, entre eles Bhaktivedanta Prabhupada, criador no Ocidente da ISKCON⁴. Foi primeiramente entre os hippies de Nova York, e em seguida de São Francisco, que o Movimento Hare Krishna surgiu

⁴ International Society of Krishna Consciousness, ou Sociedade Internacional para Consciência de Krishna e por aqui denominado simplesmente por Movimento Hare Krishna.

e se ergueu. Hoje não representam mais oposição ao sistema. Disputam um mercado religioso de igual para igual com outras agências religiosas, voltados para um público específico, é certo, mas plenamente alinhados com as regras de uma sociedade pluralista em termos religiosos.

A ISKCON e a Contracultura

A ISKCON chegou ao Brasil em 1974 e até hoje aqui permanece como a mais sólida instituição religiosa de cunho orientalista não vinculada a grupos étnicos. Se nos primeiros momentos aparecia como possibilidade de uma vivência exótica de uma espiritualidade oriental, hoje compõe o cenário religioso brasileiro mais amplo disputando espaço com outras denominações. Esse hiato de quase dez anos que separa o surgimento da ISKCON entre nós e sua eclosão no mundo ocidental é compatível com as diferenças e distâncias que a sociedade brasileira possuía. Passávamos pelo difícil momento da ditadura militar e um isolamento em relação aos demais países centrais do mundo ocidental. A contracultura, entre nós, chegou aos poucos. Pode-se verificar uma ressonância contracultural brasileira até mesmo antes, no final dos anos 1960 através do tropicalismo. Porém, de acordo com os limites desse trabalho, vamos nos ater ao lado orientalista e religioso da contracultura.

Assim como em muitos outros países, a ISKCON chegou ao Brasil através da ação de jovens isolados, atraídos pelos ideais da contracultura, seguindo a pregação do guru hindu Prabhupada e seu exótico movimento que difundia o canto de mantras sagrados.

O ambiente cultural dos anos 1960, tanto nos países europeus, nos EUA e também no Brasil, estava marcado por um sentimento de crise de valores. Essa crise apenas teve seu ápice nesse período, mas já se fazia presente desde o começo do século. Robert Bellah (1986) procura compreender a dimensão religiosa da agitação cultural e política desse período. Para ele, foi nos anos 1960 que aconteceu o grande descontentamento de massa em relação aos valores comuns da cultura e da sociedade, resultando na quebra da legitimidade das instituições tradicionais, particularmente entre os jovens. Porém, as bases desse descontentamento já estavam lançadas há bastante tempo. Vivia-se, desde o final da segunda guerra mundial, o fim da utopia da religião bíblica, da construção de um novo Israel, e também o fim do sonho do individualismo utilitarista, marcado pelo consumismo. Nos anos 1960 surgiu uma nova consciência, principalmente entre os jovens (BELLAH, 1986, p. 22). As promessas da “revolução americana” e das benesses da modernidade começaram a ficar

desacreditadas. A expansão contínua da riqueza não parecia tão positiva a essa camada populacional. Essa acumulação estaria destruindo a qualidade de vida, tanto em termos ecológicos como também nas relações societárias. Para Bellah, a causa mais profunda dessas insatisfações foi a incapacidade do individualismo utilitário fornecer um padrão de significados de existência (idem, pp. 24-27).

A contracultura chegou ao Brasil com atraso e um tanto transfigurada, mas, evidentemente, causou repercussões entre nós. A visão de mundo tradicional passou a ser vista como arcaica e sem sentido para grande parte da juventude que vivia, então, um ethos renovado, num sentimento forte de amizade, fraternidade, amor e paz. A descrença nas maneiras tradicionais de se fazer política, a não aceitação do modelo consumista do capitalismo e sua prática imperialista e a recusa em continuar aceitando velhos padrões morais e culturais, levaram a juventude à procura de um rompimento com o *status quo* e a uma crítica profunda e significativa. O ativismo político da década de sessenta mostrava-se com uma forte inclinação para o ocultismo, para a magia e para o ritual exótico que se tornou parte integrante da chamada contracultura. Essa tendência ficou marcada pela procura de uma religiosidade oriental:

É inquestionável que os *beats* de São Francisco, e grande parte da geração mais jovem que os seguiram, pensaram ter encontrado no Zen alguma coisa de que necessitavam, e logo passaram a utilizar o que compreendiam dessa tradição exótica como justificativa para satisfazer suas necessidades. (ROSZAK, 1972, p. 140)

Houve uma forte tendência a opor-se à ordem da sociedade tecnológica e afastar-se da cultura dominante. E esse novo mercado, ávido por coisas exóticas e querendo negar seus modelos antigos, que vai formar o novo grupo de fiéis das várias seitas orientais. Não é somente o Movimento Hare Krishna que surge, mas uma infinidade de outras seitas, muitas das quais já desapareceram.

Francine Daner em seu artigo "Conversion to Krishna Consciousness: the transformation from Hippie to Religious Ascetic" (1975), afirma categoricamente a herança contracultural, hippie, do Movimento Hare Krishna. Diz que, em muitos casos, a vida anterior à conversão era relacionada a drogas e sexo, e que várias vezes as experiências com drogas estavam relacionadas às questões místicas. Quando o jovem percebia que as drogas não davam as respostas que buscava, acabava encontrando o caminho da devoção à Krishna. A experiência psicodélica anterior à entrada na ISKCON representava a mais importante faceta da vida do pré-devoto, mas outras também apareciam, como por exemplo a dieta vegetariana, a permissividade sexual, viagens, outras visões filosóficas e religiosas.

Em nosso país, a vida anterior à conversão de muitos devotos apresenta características semelhantes. A maioria dos devotos entrevistados na época da pesquisa⁵ admitiu que tivesse usado algum tipo de droga, ou fizera uso de maneira regular. A conversão disciplinou suas vidas e muitos afirmaram que encontraram no Movimento uma razão e um incentivo para pararem de se intoxicar. Os quatro princípios regulativos básicos da devoção a Krishna são muito rígidos⁶ e resultam numa postura ética com comportamentos bastante delimitados. De uma permissividade radical passa-se, agora, a um controle sistemático que direciona a vida do devoto, principalmente no que se refere a alimentação, intoxicação e vida sexual.

Stillson Judah (1974), ao analisar a ligação do Movimento Hare Krishna com a contracultura, aponta alguns elementos de rejeição ao estilo de vida estabelecido que são, também, componentes do discurso contracultural. Primeiramente os devotos rejeitam qualquer tipo de sucesso material para si mesmos advindo de uma sociedade competitiva. Rejeitam ainda: uma educação que provoque valorizar a competição; a acumulação de bens para gratificação dos sentidos; qualquer tipo de autoridade, civil ou paterna; qualquer tipo de guerra e ainda lutam contra discriminações raciais e a favor dos direitos humanos. Para ele, uma grande parte dos devotos experimentou idéias da contracultura como uma forma alternativa de vida, mas essa aventura não lhes deu a satisfação esperada. Com a conversão ao Movimento, essas pessoas passaram a viver uma nova postura, uma nova orientação em suas vidas e passaram a se sentir mais felizes. (JUDAH, 1974, pp. 163-174)

No interior do movimento de contracultura era muito forte a tendência ao misticismo e exotismo, porém, a oferta religiosa então existente não satisfazia. Os sistemas simbólicos tradicionais foram incapazes de satisfazer esse novo ethos. Estava aberto o espaço para a penetração e constituição das seitas orientais. Nesse momento, Prabhupada obteve um rápido sucesso pois possuía:

(...) uma aptidão para formular e nomear o que os sistemas simbólicos vigentes afastam para o domínio do informulado ou do inominável.(...) Tal aptidão constitui o capital inicial que permite ao profeta exercer uma ação de mobilização sobre uma fração suficientemente poderosa dos leigos, simbolizando por seu discurso e por sua conduta extraordinários o que os sistemas simbólicos ordinários são estruturalmente incapazes de exprimir, em especial no caso das situações extraordinárias. (BOURDIEU, 1974, p. 73)

⁵ A pesquisa com os devotos do Movimento Hare Krishna se deu no final da década de 1980. Confira Silas GUERRIERO, O Movimento Hare Krishna no Brasil, 1989, dissertação de mestrado.

⁶ Os quatro princípios são: não comer carne; não se intoxicar; não praticar sexo ilícito; e não praticar jogos de azar.

Essa marca característica do profeta, "homem de situações extraordinárias", permite o início do Movimento no Ocidente, ou como Bourdieu definiu, a formação do "capital inicial". A acumulação posterior desse capital vai ser fruto da ação racionalizadora e moralizadora dessas práticas iniciais. Em outros termos, o Movimento Hare Krishna aparece no interior da contracultura, junto a outras vertentes religiosas, e prossegue por uma via própria, instituindo normas de comportamento, até então inexistentes, orientando aquele ethos inicial. Conquista, assim, uma parcela da camada social que compunha a contracultura. É importante frisar que essas normas são instituídas aqui, no Ocidente, como forma de adaptar um estilo de vida hindu ao modo de comportamento hippie. Mais do que uma característica de origem oriental, porém, trata-se de uma necessidade vivenciada pelo grupo inicial de devotos ocidentais. Não significa buscar uma vida totalmente diferente, mas sim regulamentar a própria vivência ocidental, de acordo com as exigências de então.

Para Eliade (1979), a iniciação a um grupo orientalista exótico confere um novo *status* ao adepto. Esse se sente "eleito" de uma certa forma, escolhido no meio da multidão anônima e solitária. Eliade critica a visão de que o interesse pelo ocultismo nos anos sessenta e a sua continuidade nos anos setenta é somente resultado da insatisfação com a tradição cristã e com a Cultura Ocidental. O autor fala numa rejeição da tradição cristã em favor de um método mais abrangente e mais eficiente de se alcançar uma renovação individual e, ao mesmo tempo, coletiva. Há sempre "a convicção de que existe uma maneira de se escapar do caos e da falta de sentido da vida moderna e que essa maneira implica numa iniciação e numa revelação de segredos antigos e veneráveis" (ELIADE, 1979, p. 69). É sempre a atração por uma iniciação pessoal que explica o grande interesse pelo oculto.

Deve-se levar em consideração a tentativa de se formar uma experiência de cooperação numa sociedade marcada pela feroz competição em busca da sobrevivência. As relações pessoais fundadas em bases mais igualitárias do que utilitárias devem ser consideradas válidas num meio cuja tendência é converter toda a vida social em relações pragmáticas e fragmentadas. Há uma forte tendência ao que Eliade chama de tentativa de descobrir a sacralidade da natureza, a integração cósmica de um universo religioso. Isso aparece de maneira muito clara nos movimentos ecológicos, em que o "retorno" à natureza é sempre acompanhado de uma visão sacralizada dessa mesma natureza.

Luiz Eduardo Soares (1994) indica uma relação entre o movimento de contracultura e o misticismo ecológico no Brasil. Para ele, essa nova consciência religiosa está marcada por

uma idealização da natureza, tida como fonte de todo ser. Mas, através de um jogo de palavras, afirma que esses alternativos são também religiosos por natureza, ou seja, como se existisse uma naturalidade nesse tipo de comportamento. Para muitos adeptos do Movimento Hare Krishna, a vivência comunitária religiosa entre os devotos é síntese da relação homem e natureza.

A contestação contracultural possibilitou o surgimento de comunidades rurais e urbanas que propunham uma maneira alternativa de viver. Joseph Huber (1985) preocupou-se em analisar o movimento alternativo dos anos oitenta e saber se havia alguma mudança de orientação em relação ao movimento hippie. Para o autor, trata-se de um "movimento de multiplicidade e talvez fosse mais adequado falar de uma multiplicidade de movimentos alternativos" (HUBER, 1985, p. 11)

Considera esse pluralismo como um feixe de várias correntes que emergem de determinadas oposições a certas manifestações da crise daquele momento. Cada uma desenvolve uma crítica determinada ao sistema vigente, que se articula a idéias alternativas e a projetos correspondentes. Fazem parte desse pluralismo as iniciativas civis, o movimento ecológico e anti-nuclear, o movimento de mulheres, de homossexuais, a esquerda não ortodoxa e ainda o meio anarquista. Apesar de características próprias, o novo espiritualismo se enquadra com as demais correntes alternativas na medida em que suas origens também estão radicadas nos "grupos que usavam drogas em fim dos sessenta e que, parcialmente, ainda vivem desses grupos" (Idem, p.37).

Daniele Hervieu-Léger (1982) analisa a proximidade existente entre o movimento ecológico e a nova espiritualidade religiosa. A autora enfoca primeiramente o medo do apocalipse ecológico como sendo fruto do abuso do homem sobre o universo - o equilíbrio da natureza foi rompido. Numa tentativa de resgatar este equilíbrio e negar o mundo moderno, surge uma série de campanhas em favor da ecologia. Trata-se, até então, de um movimento secular com uma afinidade bastante grande com os apocalipses religiosos. Tal fato leva esse apocalipse secular a incorporar símbolos e referências religiosas. (HERVIEU-LÉGER, 1982, pp. 60-61)

Temos, portanto, que o Movimento Hare Krishna surgiu devido aos impulsos proporcionados pela contracultura e foi alimentado pelos próprios elementos constituintes desse movimento contestatório. No entanto, sua permanência até hoje não traz necessariamente as mesmas marcas. Num rápido olhar, poderíamos dizer que a contestação

libertária acabou reduzida ao assentimento de uma autoridade religiosa rígida e de uma estrutura fechada. Essa poderia ser nossa compreensão se olhássemos a contracultura como constituída apenas por aqueles lampejos dos anos sessenta. Mas se a compreendermos como o epicentro de uma transformação maior, que marca o espírito de toda uma época, podemos enxergar caminhos e descaminhos não finalizados e ainda em curso.

A contracultura no século XXI

Hippies, astrólogos, adeptos de comunidades alternativas ou simplesmente apreciadores da mensagem psicodélica do musical *Hair* ainda existem em pequenas brechas da nossa sociedade. Devotos de Krishna também. Se os primeiros guardam traços residuais diacríticos identitários com a contracultura, os últimos parecem dela ter se afastado. Porém, todos fazem parte de uma mudança mais ampla, ainda em curso, que dá uma nova forma ao espírito de nossa época.

Heelas e Woodhead (2000) afirmam haver uma revolução espiritual em curso que aponta para uma vivência subjetiva da religiosidade. Se no momento anterior, as referências do indivíduo estavam voltadas às instituições externas, como uma religião tradicional, agora volta-se para questões internas, subjetivas, como estado de consciência interior, experiências corporais, relação corpo-mente-espírito, entre outras. Para os autores, essas mudanças ocorrem há bastante tempo, embora tenham se fortalecido a partir da contracultura. Compreendem a existência de uma virada subjetiva em massa da cultura moderna. Ao lado das religiões tradicionais, surgem as denominadas espiritualidades de vida, que adotam uma perspectiva holística e reforçam a identidade fundamental entre o divino, o humano e o natural. No entanto, essa virada não acontece apenas na religião, mas na cultura como um todo. A virada está relacionada às questões principais de cultura na qual todos nós temos algumas experiências. É uma mudança em termos de vida vivida de acordo com as expectativas externas para uma vida vivida de acordo com experiências interiores e subjetivas. Antes era importante ser membro de uma comunidade ou tradição, seja em termos religiosos, civis ou mesmo de parentesco, ou seja, viver de acordo com as expectativas que a sociedade impõe aos indivíduos. Hoje a subjetividade individual passa a ser a fonte de significado e autoridade. A meta é não defender uma autoridade superior, mas ter a coragem de começar a ser sua própria autoridade (HEELAS e WOODHEAD, 2000, p. 4). São marcas indeléveis que podemos perceber em amplos setores sociais, como na educação, na família,

na saúde e na política. É nesse ambiente que aparecem pressupostos que sustentam movimentos como os de minorias e mesmo o movimento ecológico e ambientalista.

Colin Campbell (2001) retrocede a data e lança para o romantismo do século XIX as bases dessas transformações. Para ele, a contracultura é expressão da teodicéia romântica que impulsionou não apenas o consumismo moderno, como também o hedonismo autônomo, uma nova espiritualidade e a eclosão de inúmeros movimentos libertários.

Não podemos dizer que sejam movimentos contra a cultura predominante, mas sim afirmar que essa mesma cultura incorpora, agora, elementos que foram catalisados durante os anos 1960. Enquanto alguns ainda cantam e dançam quando a Lua se encontra na sétima casa, outros participam de um mercado religioso cada vez mais diverso e subjetivista.

Bibliografia

BELLAH, R. “A nova consciência religiosa e a crise na modernidade”, *Religião e Sociedade*, 13/2, 1986, pp. 18-37.

BOURDIEU, Pierre, “Gênese e estrutura do campo religioso”, In: *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Perspectiva, 1974.

CAMPBELL, Colin, *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*, Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

DANER, Francine, “Conversion to Krishna Consciousness. The transformation hippie to religious ascetic”, In: WALLIS, R. (ed.), *Sectarism. Analyses of religious and non-religious sects*, London, Peter Owen Ltda, 1975.

ELIADE, Mircea, *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais*, Belo Horizonte, Interlivros, 1979.

GUERRIERO, Silas, *O movimento Hare Krishna no Brasil: a comunidade religiosa de Nova Gokula*, São Paulo, PUCSP, 1989 (dissertação de mestrado).

HEELAS, P. e WOODHEAD, L. *Religion in modern times*, Oxford, Blackwell Publ., 2000.

HERVIEU-LÉGER, Daniele, “Apocalyptique écologique et "retour" de la religion”, *Archives de sciences sociales des religions*, 53/1, 1982, pp. 49-67.

HUBER, Joseph, *Quem deve mudar as coisas? As alternativas do movimento alternativo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

JUDAH, J. S. *Hare Krishna and the counterculture*, New York, John Willey & Sons, 1974.

ROSZAK, Theodore, *A contracultura*, Pedrópolis, Vozes, 1072.

SOARES, L. E. “Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil”, In: *O rigor da indisciplina*. RJ: Relume-Dumará, 1994.